REVISTASAPIÊNCIA
sociedade, saberes e práticas educacionais | 2238-3565 |

IA E REDES SOCIAIS: LEITURA A PARTIR DE ESPINOSA SOBRE IMPACTOS AFETIVOS E POLÍTICOS

AI and Social Media: Interpretation Based on Spinoza of Their Affective and Political Impacts

Thiago Prada
Faculdade Nove de Julho; Universidade de São Paulo

Juliana Berezoschi
Universidade Nove de Julho

Milanna Ambrósio
Universidade Federal do Amazonas

Renan Albuquerque
Universidade Federal do Amazonas; Universidade de São Paulo

RESUMO

O artigo discute impactos afetivos e políticos da inteligência artificial nas redes sociais e em ecossistemas midiáticos a partir da filosofia de Espinosa. O estudo parte de revisão bibliográfica e baseia-se na análise de casos recentes envolvendo jornalismo e circulação de conteúdos produzidos por sistemas generativos. Argumenta-se que a expansão de algoritmos e *chatbots* intensifica processos de desinformação, fragiliza a confiança pública e favorece a difusão de afetos como medo e esperança. Conclui-se que a questão não se trata de introduzir tecnologias como meios de reprodução de relações sociais capitalistas, mas de organizá-las como instrumentos de transformação, em que educação e conscientização estejam agregadas às lutas por direitos e à emancipação da vida.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Redes Sociais; Espinosa.

ABSTRACT

The article discusses the affective and political impacts of artificial intelligence on social media and within media ecosystems through the lens of Spinoza's philosophy. The study started of a literature review and works an analysis of recent cases involving journalism and the circulation of content produced by generative systems. It argues that the expansion of algorithms and chatbots intensifies processes of disinformation, weakens public trust, and fosters affects such as fear and hope. It concludes that technologies should not be introduced as means of reproducing capitalist social relations, but rather organized as instruments of transformation, in which education and critical awareness are linked to struggles for rights and to the emancipation of life.

Keywords: Artificial Intelligence; Social Media; Spinoza.

INTRODUÇÃO

Apresentamos panorama da presença da inteligência artificial na comunicação e nas mídias digitais a partir de relações do cenário mundial e da sociedade brasileira, com reflexão e crítica baseadas em Espinosa. São descritos casos e situações em que o uso de IA assume relevância na interação entre indivíduos e informação e na produção de conteúdo. Pontuamos, em entremeio, percepções acerca de como o campo progressista busca fôlego para atuar no ambiente digital, disputando atenção em debates antes dominados pela extrema direita (Nunes, 2025).

Para nós[1], nesse sentido, debater o mundo digital, mais precisamente as IAs e seus aportes institucionais advindos de *big techs*[2], é conclamar a sociedade a um tema urgente, que trata de efeitos duvidosos à democracia e às dinâmicas afetivas da sociedade. Afirmamos o disposto porque a pressão pela regulamentação de plataformas e uso de IA em campanhas eleitorais é realidade veiculada no Congresso brasileiro (Cochrane, 2025). De todo modo, a meta tem sido combater desinformação, contrainformação, disparos em massa e *deepfakes*.

Almejamos contribuir para diálogos referentes à comunicação virtual na esfera política do país, pensando infortúnios da ação de algoritmos e em que medida se pode trabalhar projeto estratégico de regulamentação do ecossistema midiático. O texto, entretanto, não propõe programa de ação política em embate com novas tecnologias, mas reafirma a importância de estudos de sistemas midiáticos, sociais e IAs em cenários presentes e futuros da nação.

> [...] deveria ser óbvio que o fato de que os dados – e os serviços de inteligência artificial que eles ajudam a estabelecer – vão se constituir em um dos terrenos cruciais dos embates geopolíticos deste século. Até agora, os principais competidores são bem conhecidos, EUA e China, países com setores tecnológicos avançados. Mas é provável que outros, como Rússia e Índia, busquem lugar no pelotão de frente, no mínimo movidos pelo temor de uma dependência excessiva de serviços digitais estrangeiros. E onde fica o Brasil? De um lado, o país foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a importância de recuperar a soberania tecnológica. Infelizmente, as iniciativas e as promessas aventadas após as revelações de Edward Snowden mostraram-se insuficientes e quase caíram no esquecimento, em meio às turbulências que afetaram a política brasileira nos anos seguintes. De outro lado, o Brasil também foi um dos primeiros a insistir num enquadramento robusto dos direitos digitais, o chamado marco civil (Morozov, 2018, p. 9).

Foram suscitados pontos sobre a importância do país solidificar a soberania e estabelecer iniciativas que combatam diferentes formas de utilização das plataformas digitais para ataques cibernéticos. Se diante

[1] Disponível em https://ihu.unisinos.br/categorias/643886-a-esquerda-deve-ser-menos-algoritmica-reinventar-o-seu-pensamento-e-o-socialismo-entrevista-com-evgeny-morozov. E também em https://praxis.org.pt/2026/02/22/por-que-a-esquerda-deveria-se-preocupar-mais-com-a-inteligencia-artificial.

[2] Empresas que dominam o mercado tecnológico, entre elas, sete são as principais: Alphabet, Amazon, Apple, Meta, Microsoft, Nvidia, Tesla.

da ascensão das IAs um pano de fundo é estabelecido em meio à rápida transformação do uso de mídias digitais, buscamos pensar o problema criticamente nos tópicos que seguem, verificando: i) contextos e controvérsias globais quanto ao uso de IA, ii) checagem de dados e seus efeitos segundo filosofia espinosana e iii) destaques sensíveis referentes à teoria dos afetos.

Cena mundial sobre IA e afetos

O avanço da inteligência artificial vem revolucionando múltiplas esferas da existência humana. IA e congêneres digitais são ferramentas que transformaram sistemáticas profissional e pessoal da vida, seja alterando ações então historicamente estabelecidas ou mesmo criando novas dinâmicas. De toda forma, divergências em torno do uso de *bots* para geração e organização de dados são perceptíveis entre pessoas que investigam o tema e chegam mesmo a ser alvo de críticas profundas. Senão, vejamos.

O neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis, em entrevista à Carta Capital (2025a), apresenta análise acerca do tema e demonstra pessimismo, dizendo que IAs não são inteligentes e nem artificiais. Primeiro porque o conceito de inteligência não é unidirecional entre pesquisadores e segundo por ser considerado propriedade emergente no processo de evolução de seres orgânicos. Além disso, é algo não computável, conforme o pesquisador. Para Nicolelis, a IA tampouco é artificial, pois dependeu de humanos para a criação e ainda hoje são requeridos treinamento e validação para algoritmos (Id., op. cit.).

O próprio termo “inteligência artificial” foi sequestrado politicamente nos anos 1950, quando era usado para fins militares por parte do Departamento de Defesa estadunidense (hoje Departamento de Guerra). A meta era desenvolver radares para o Pentágono por causa do mote industrial de crescimento tecno-social e automação de ferramentas *high tech* para tomadas de decisões globais, inclusive em sanções econômicas e disputas por poder (Id., op. cit.). No campo da comunicação, com especificidades ao jornalismo, a utilização de aplicativos de linguagem generativa tem sido igualmente questionável.

Transformações se manifestaram em muitas tarefas de atuação humana, levantando tópicos como dilemas éticos, transparência e qualidade de produção de conteúdo. Há um polêmico receio observado em torno da suposição de profissionais serem substituídos por máquinas em alguma medida. O litígio abrange ramos de atividade laboral de maneira genérica. Com o neoliberalismo, profetas da IA promoveram o que o sociólogo brasileiro Ricardo Antunes denominou de “era da escravidão digital” (Antunes, 2025).

Debates como o apresentado são levantados em diversos campos do jornalismo, sobretudo por se tratar de tópico em transformação, com regulamentações e legislações pendentes ou indefinidas em muitas situações. Mas embora se debata acerca do futuro da IA para a humanidade, existem limitações evidentes quanto à nossa real capacidade de predizer desdobramentos inerentes a esse conjunto de situações. Destarte, mesmo

que tentativas de antecipação de futuros permaneçam restritas, caminhamos nessa seara, da inferência possível.

Por exemplo, Kai-Fu Lee (2019), referência no cenário da IA para Comunicação e Informação e Museologia, aponta que decisões determinantes continuam concentradas entre poucas instituições globais. Uma delas, a saber, a responsabilidade por impulsionar rumos da inovação científica, é amalgamada a lucros, extração de dados e produção de metadados ao rentismo de megaempresas. Diante disso, a academia ocupa papel essencial ao promover reflexões e críticas que considerem dimensões técnicas, políticas, sociais e humanas ao setor, podendo propor alternativas e resistências.

Lee, ao relatar interações com diferentes públicos, escrevendo e ministrando palestras sobre presente e futuro da IA no jornalismo, frisa que apesar da diversidade de contextos inquietações são semelhantes. Para ele, acumulam-se mais perguntas que respostas. "Quando se trata de entender nosso futuro com a IA somos crianças no jardim de infância" (Lee, 2019, p. 10). O salientado pelo pesquisador mostra o quanto condições de incerteza permeiam esferas de entendimento e fundamentam inquietações. De todo modo, a fim de contextualizar o debate, descrevemos no que segue dilemas e episódios sobre influências da IA no fazer jornalístico.

São conjunturas com aceleradas transformações e tomamos por suposto que pesquisas contribuem para compreender como públicos percebem a adoção de IA em redações jornalísticas. Uma dessas pesquisas é o relatório *Generative AI and news report 2025,* elaborado pelo Reuters Institute (2025). O levantamento percorreu seis países (Argentina, Dinamarca, França, Japão, Reino Unido e EUA). No documento, é descrito que embora o uso de ferramentas generativas cresça entre consumidores de notícias, prevalece a cautela quanto a aplicações no jornalismo. O relatório ajuda a compreender em que medida iniciativas ousadas começam a surgir em ecossistemas midiáticos (Simon; Nielsen; Fletcher, 2025).

Sinalização, nesse âmbito, que ganhou destaque foi o caso do periódico italiano Il Foglio, a anunciar edição jornalística completa elaborada por sistemas de inteligência artificial. Il Foglio apresentou a produção como a primeira do mundo totalmente editorada por *bots* (CBN, 2025). O experimento, sobre sistemáticas de ação profissional e rotinas textuais, delegou para a IA a escrita de reportagens, manchetes, citações, resumos e até a composição de elementos de ironia contidos na publicação. A repercussão evidenciou como as práticas integram o debate contemporâneo (Giuffrida, 2025).

Um debate que se estende por questões como supervisão humana e limites éticos de adoção de sistemas generativos em redações. São pontos que estiveram em outra frente de discussão no final do ano passado, quando o New York Times (2025) abriu contenda jurídica com a empresa Perplexity AI, acusando-a de utilizar, de modo deliberado e desautorizado, artigos protegidos por direitos autorais para treinar blocos de modelos generativos. Com isso, produziram-se documentos com trechos quase literais de conteúdos originais, inclusive aqueles disponíveis a assinantes (Alwaton; Fitriawan; Ismail, 2025).

Mais de 40 outros casos nos Estados Unidos envolvendo diversas organizações ocorreram desde o ano de 2024. A temática versou sobre a violação de direitos autorais. Tensões não se restringiram a organizações jornalísticas enquanto instituições. Foram estendidas além do alcance de profissionais de imprensa, atingindo especialistas em ciências da comunicação que atuam no campo da literatura ficcional e romancistas. Isso é óbvio segundo processo movido pelo jornalista investigativo do New York Times e autor de *Bad blood*, John Carreyrou.

Também em 2025 Carreyrou ingressou com ação judicial contra gigantes do setor (Google, OpenAI, Meta, Anthropic, Perplexity e a xAI), acusando-as de usar sem consentimento obras protegidas por direitos autorais no treinamento de IAs. Junto a demais autores, alegou que empresas teriam pirateado livros e os inserido em grandes modelos de linguagem (LLMs) que alimentam algoritmos (Ib., op. cit.). No Brasil, a prática ocorreu com livros nacionais (Folha de São Paulo, 2025).

São problemáticas ambivalentes e de difícil resolução, pois ao mesmo tempo em que se deve garantir o direito à fonte primária na coleta de dados (o jornal, o/a autor/a), é preciso observar o serviço que IAs realizam ao sistematizar e oferecer massas de dados a qualquer pessoa. Nesse ínterim, disputas judiciais envolvendo uso incomum de conteúdos protegidos por direitos autorais e incorporação de inteligência artificial no campo jornalístico revelam fragilidades em planos editoriais e mecanismos de verificação de informação.

Embaraços não residem só na apropriação de conteúdo, mas em circulação de informações. IAs lucram com produtos jornalísticos e literários sem a creditação a humanos, seja na autoria ou no repartimento de ganhos. Circunstância que ganhou notoriedade ocorreu quando o jornal Chicago Sun-Times publicou uma lista de recomendações de leitura de verão no ano passado (jun/jul 2025). A matéria foi gerada por inteligência artificial e, ao ser finalizada, notou-se que a maioria das obras não existia. Das 15 indicações, cinco eram reais. As demais inventadas e atribuídas indevidamente a renomados autores.

O erro foi atribuído ao uso de IA por *freelancer* vinculado ao jornal, que escreveu as indicações sem que o material passasse por revisão. O imbróglio gerou repercussão nas redes sociais e reacendeu o debate sobre alucinações de robôs, evidenciando riscos à credibilidade quando tecnologias são incorporadas sem protocolos de validação, checagem e responsabilidade (Época Negócios, 2025). Na resposta institucional do jornal, é reconhecida a falha, mas, como dissemos, atribuída a um *freelancer*.

A postura pode ser lida como gesto tímido de reconhecimento de erro e abre espaço para críticas sobre precarização de trabalho, pois quando se terceirizam etapas de produção e revisão de processos jornalísticos permite-se a publicação de reportagens sem uma leitura crítica final. E mesmo que organizações de mídia utilizem automação há pelo menos dois anos e meio, relatório mostra que só 12% de leitores atualmente afirmam se sentirem confortáveis com notícias produzidas em totalidade por IA. Doutro modo, a proporção atinge 21% quando há algum

nível de supervisão humana sobre a produção de IA (Reuters Institute, 2025).

A aceitação aumenta quando a feitura permanece sob responsabilidade de jornalistas, ainda que com uso mediado de IAs. Aqui, neste nível, 43% dos entrevistados afirmam concordar em consumir conteúdo. Por fim, 62% demonstram confiança total em notícias elaboradas só por pessoas em termos gerais (Ib., op. cit.). Ainda de acordo com a pesquisa, o disposto reforça a ampliação da chamada "lacuna de conforto" entre os conteúdos constituídos por *bots* e aqueles conduzidos por jornalistas, mesmo entre grupos mais jovens, que tendem a se mostrar abertos à tecnologia.

A pesquisa revela variações entre países, com diferenças acentuadas em Dinamarca e Reino Unido. Há menor resistência no Japão e na Argentina quanto ao uso de IA, a indicar que percepções culturais e ecossistemas midiáticos influenciam no tipo de aceitação. São dados reveladores quanto a informações geradas por inteligência artificial e referentes a situações que podem escalar para futuros cenários, inclusive eleitorais, com afetações ainda mais problemáticas a partir de produções de máquina, sobremaneira para materiais político-partidários.

A pressuposição parece justificar a necessidade de ordenamento jurídico ao marco civil da internet em nosso país. Principalmente porque em 2018 e 2022, ou seja, nos dois mais recentes pleitos para presidente, as eleições majoritárias no Brasil foram mediadas por *memes* e *fake news*, o que ampliou a desinformação e mobilizou afetos de insegurança principalmente em grupos antivacina, quando foi espalhada desinformação sobre efeitos colaterais de imunizantes contra a covid-19 (Berezoschi, 2024). Atualmente, neste 2026, em mais um ano de eleições presidenciais, a corrida por votos está turbinada por inteligência artificial, o que tem sido preocupação recorrente.

A discussão chegou ao Supremo Tribunal Federal (STF) e Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A intenção é realizar força tarefa técnica para discussão irrestrita, baseada em evidências, com participação de especialistas e universidades, considerando colaboração para a mitigação de efeitos de IA (Cochrane, 2025). Ademais, para rebatimentos em ecossistemas midiáticos e ambientes políticos, os quais envolvem universos jornalísticos, editoriais e literários, há dimensões psicossociais impactadas no uso constante da tecnologia generativa de textos e audiovisual.

Checagem de dados e incompletudes publicadas

Para o psicanalista Steven Barrie-Anthony, da Universidade da Califórnia (Barrie-Anthony 2025), existem problemas clínicos relatados por pacientes, como sentimentos de raiva, tristeza e luto, ao perceberem o tempo desperdiçado no celular. A resposta tende a ser um "detox digital", que não funciona por muito tempo, visto o apego cada vez maior a *chatbots* que simulam reconhecimento emocional a ponto de pessoas hoje se relacionarem com IAs (G1, 2025; Hegarty, 2026). Isso foi retratado no filme *Her*, de Spike Jonze, em que o personagem de Joaquim Phoenix

não apenas utiliza robôs para a composição de cartas, como passa a se relacionar e se apaixona por um.

Além do emocional, aspecto estudado é a dimensão cognitiva dos usuários de IA. No MIT Media Lab (Kosmyna et al., 2025) verificou-se de que maneira o uso de *bots* na escrita impactou a inteligência. Usando eletroencefalografia, foi identificado o fenômeno *cognitive offloading* (descarga cognitiva). Resultados indicaram que, ao delegar à IA funções de organização argumentativa, houve menor ativação do córtex pré-frontal e com isso deu-se redução na coordenação de ondas cerebrais ligadas à atenção e ao pensamento ativo.

Embora textos produzidos fossem tecnicamente corretos, participantes que usaram IA demonstraram dificuldade em lembrar e explicar o conteúdo, sugerindo processamento superficial. O alerta é para risco de atrofia de funções cognitivas, como análise, argumentação e autonomia intelectual, caso a IA seja usada em substituição ao pensamento crítico. A dimensão afetiva se revela, portanto, fundamental para compreendermos o impacto de *chatbots* de linguagem generativa na sociedade, sobremaneira no âmbito da comunicação e confiança de dados, entre informações advindas da realidade e produção virtual.

Em aprofundamento no destaque, sublinhamos o filósofo Baruch Espinosa. Ele expõe três níveis de gênero do conhecimento: imaginativo, racional e intuição intelectual (Espinosa, 2009). Imaginação é condição natural de viver e experimentar a realidade a partir de percepção limitada de informações via sentidos. Esta primeira forma de conhecimento é fragmentada e parcial, sem consistir na compreensão de causas e relações entre nosso corpo e outros corpos.

O entendimento da relação entre seres e objetos da natureza é o segundo gênero do conhecimento, adequado por ser racional, segundo Espinosa. Exemplo possível é saber que o papel queima em contato com o fogo. Outro processo é entender as propriedades orgânicas do papel e do fogo, que em dada reação química produzem queima de carbono a determinada temperatura. No primeiro caso nos limitamos ao que o corpo percebe; no segundo, entendemos causas e relações entre elementos.

O último gênero é a compreensão de interações entre corpos e objetos da natureza em relação imediata e direta. É um nível de conhecimento difícil de ser alcançado. Enquanto o primeiro se dá em nossa vivência diária e o segundo pressupõe desenvolvimento regular da razão para determinadas áreas do saber e relações da vida, o grau de conhecimento do terceiro não é algo que depende pura e somente da razão, mas também dos afetos. Além disso, para Espinosa (Id., op. cit.) são dois os afetos bases da vida, a alegria e a tristeza, a subsistirem em conjunto ao desejo, denominado de *conatus*, que é o esforço para perseverar na existência.

Conatus é potência de existir e agir. Se a alegria é o aumento dessa potência, o que nos torna mais livres, a tristeza a diminui e nos coloca em servidão. Se *conatus* refere-se a corpo e mente, no caso da tristeza o conhecimento é inadequado e parcial, é o reino da imaginação, um reino limitado. No caso da alegria, é conhecimento adequado que nos aproxima da liberdade e do bem comum.

Sendo o corpo organismo complexo, capaz de afetar e ser afetado, de ser algo que persiste na existência, buscamos alegrias para resistir a tristezas e, a partir desse corpo, potencializar a mente. Espinosa nos diz que um corpo não é algo individual, mas social e coletivo, compondo o que chamamos de sociedade (Ib., op. cit.). De igual modo, esse corpo social é afetado por alegria e tristeza, fazendo com que seja produzida ou a alegria coletiva, um bem comum, ou a servidão, quando o corpo e mente são preenchidos de tristeza e submetidos à tirania política ou à submissão das paixões.

A partir da crítica, em Espinosa temos condições de projetar que a relação dos nossos corpos e das nossas mentes com a inteligência artificial tende a se expressar como interação inadequada de conhecimento no gênero imaginativo. Se respostas produzidas por IAs podem desvirtuar humanidades já controversas, pois estabelecidas segundo mediação por máquinas, elas acentuam dimensões de *fake news*. Assim se dá porque cremos que nessa mesma interação as forças propulsoras da comunicação são propensas a forjar falsas ideias e afetar grande parte da sociedade, incluindo a nós mesmos.

Segundo Espinosa, por essa base teórica apostamos que, em suma, ideias confusas e inadequadas podem constranger a potência de agir e pensar, lançando sociedades a paixões tristes e, possivelmente, à servidão coletiva de corpos e mentes. Se o suposto é correto, estender o destaque ao uso de IAs parece ser importante porque assim entendemos que mecanismos virtuais que retiram a capacidade da razão para a compreensão da realidade nos remetem a cenário preocupante, do uso crítico e responsável de instrumentais de linguagem generativa, sobremaneira ante checagens de materiais difundidos ou veiculados em mídias de massa.

Sobre o disposto, fato de interesse foi observado em 2025 quando as empresas Wired e Business Insider removeram de seus portais reportagens atribuídas a jornalista *freelancer*. Houve suspeita de que textos teriam sido gerados por IA. Assinadas sob o pseudônimo de Margaux Blanchard, matérias veiculadas pelas duas firmas retratavam cenas e personas que não puderam ser checadas, levantando questionamentos sobre a integridade do que se publicou. Após apurações, foi constatado que o material não passou por processos de avaliação antes de ser liberado ao público (Press Gazette, 2025).

O destaque reforça que o uso de *chatbots* de linguagem generativa em contextos de produção acentua fragilidades em fluxos de verificação e responsabilidade. Com isso, desloca-se o debate do uso da tecnologia em si para o fato da geração de melhorias em condições profissionais, para a formatação de critérios de validação da informação e para a otimização de mecanismos organizacionais de controle adotados por mídias de massa. Além disso, a própria Business Insider esteve envolvida em outra querela editorial no mesmo período, ao anunciar a demissão de 21% da redação em meio à queda no tráfego proveniente de motores de busca e uso crescente de ferramentas de IA (Reuters, 2025).

Ou seja, polêmicas em torno do fenômeno no jornalismo não se restringem a falhas de revisão ou processos de editoração fragilizados.

Estendem-se à geração de conteúdo e efeitos discursivos produzidos por um tipo de comunicação sintética. Prova disso é que no ano passado foi destaque episódio da estadunidense Fox News, que publicou reportagem baseada em vídeos enviados por beneficiários do *Supplemental Nutrition Assistance Program (SNAP)*, maior programa dos EUA de assistência alimentar a famílias de baixa renda. No audiovisual, famílias ameaçavam saquear lojas durante paralisação do governo.

Diante da notícia alarmante, especialistas foram instados a investigar a veiculação e descobriram que o material tinha sido em grande parte inventado por *bots*. A emissora, notória por apoiar a extrema direita mundial e trazer à tona discursos negacionistas, foi forçada pela opinião pública a reescrever a reportagem e incluir nota editorial avisando que a quase totalidade da reportagem foi gerada por IA. Com isso, ficou evidenciado o quanto se podem criar factoides com verdades interessadas, de cunho criminoso, via mobilização de dispositivos para iscas de raiva (*rage bait*).

O termo, inclusive, foi eleito expressão do ano em 2025 pelo Dicionário Oxford. Refere-se a "conteúdo online deliberadamente criado para provocar indignação, sendo frustrante, provocativo ou ofensivo, publicado para aumentar tráfego ou engajamento" (Oxford University Press, 2025, p./única). A isca de raiva promove alarmismos e eleva riscos de desinformação e contrainformação em circunstâncias jornalísticas, piorando na medida em que publicações de IA se tornam mais convincentes (Poynter, 2025).

Além dos destaques, levantamento recente apontou que modelos de IA distorcem comunicações orgânicas e noticiosas em 45% dos casos. A pesquisa, da União Europeia de Radiodifusão (UER), analisou o desempenho de assistentes de linguagem generativa em questões relacionadas a atualidades via testes com 22 meios públicos de comunicação, distribuídos por 18 países com 14 idiomas. Resultados mostram que quase metade das respostas teve ao menos um problema significativo, tal como falha na atribuição de fontes, informações desatualizadas ou presença de detalhes incorretos e inventados (Público, 2025).

Foram registradas, assim, limitações e desafios estruturais na utilização de inteligência artificial para a mediação de dados. O que significa que se a superficialidade de checagens informacionais está ligada a incompletudes publicadas, há malefício na distinção entre fato, opinião e factoide para itens jornalísticos. Ou seja, são ferramentas que tendem a misturar inverdades e juízos de valor a realidades objetivas, o que sugere desafio adicional de uso em planos midiáticos, onde a separação entre o que é real e o que é construído se torna princípio central (DW, 2025).

Em similar discussão, nos EUA o uso de IA no jornalismo em 2025 incorporou a temática da geração de avatares. O ocorrido se deu em entrevista realizada com holograma de uma vítima de ataque a tiros e envolveu Jim Acosta, ex-jornalista da CNN. Ele publicou nas suas redes entrevista com avatar que reproduzia a voz e os traços de Joaquin Oliver, estudante assassinado aos 17 anos no conhecido ataque em Parkland, Flórida, em 2018 (Carta Capital, 2025b). A iniciativa provocou críticas

por colocar em evidência limites éticos no uso de tecnologias de simulação para a representação de pessoas.

Foi incorporado debate sobre memória, consentimento, luto e responsabilidade jornalística no equilíbrio de explanações fidedignas. Anteriormente, em 2023, o uso de avatares gerados por IA no jornalismo já ganhara atenção. Empresas na Índia utilizaram apresentadores de notícias criados por algoritmos e reacenderam questionamentos entre profissionais da área. Temas como automação, substituição do trabalho humano e balanço informativo na comunicação foram o foco.

O evento ocorreu no canal Aaj Tak, do grupo India Today. Foi apresentada âncora virtual chamada Sana para a leitura do noticiário. Pouco depois, a emissora Odisha TV adotou a apresentadora virtual Lisa, utilizada na televisão e em plataformas digitais. Desta feita, resta nítido que embora empresas envolvidas afirmem que tecnologias não substituem jornalistas (CNN Brasil, 2023), elas acabam moldando um novo tipo de interação com o público e mediando provocações em torno de pontos éticos que dizem respeito a deslocamentos de funções humanas ante interfaces sintéticas.

Ainda que referenciados na época, os casos não foram os primeiros. Em 2018, a agência chinesa Xinhua já anunciava a produção de âncora de TV feito por inteligência artificial. O avatar foi modelado por um apresentador real, Zhang Zhao, em projeto com a empresa Sogou (BBC, 2018). A fidelidade visual e sonora do sistema instigou debates sobre limites de uso de IA no jornalismo, ainda mais diante do potencial de aplicação em contextos de desinformação e contrainformação, incluindo vídeos que simulam pessoas em situações onde jamais estiveram, os *deepfakes* (Id., op. cit.).

Assim, para além da automação de funções jornalísticas, avatares são desafios sobre autenticidade, confiança e integridade de ecossistemas comunicacionais. Eles comprometem a checagem de dados, fragilizando publicações. No presente, países como China, Japão, Vietnã, Índia, Bangladesh e Indonésia também aderiram a adoção de IA para fins jornalísticos. No Brasil, triplicaram nos últimos dois anos conteúdos falsos criados por IA (Agência Brasil, 2026). Depreendemos, portanto, que em âmbito universal a troca de saberes de corpos e mentes com *bots* expressa-se como relação inadequada de conhecimento, gerando afetos tristes e desconexos ante a realidade, como supôs Espinosa no contexto da servidão voluntária.

O Brasil entre medo e esperança na relação com IAs

No cenário atual, em que emergem lutas por soberania na América Latina, o uso de IA no jornalismo e na produção de conteúdo em geral se mostra ambíguo. Em alguma medida ajuda a driblar barreiras que a mídia hegemônica impõe, no entanto existem outros enfrentamentos a algoritmos programados por *big techs*. Sobre o tema, jornalistas desde o dia 3 de janeiro de 2026, data do sequestro de Nicolas Maduro, presidente da Venezuela, vêm recorrendo à IA como estratégia para barrar a divulgação de informações enviesadas (Exame, 2024). Uma divulgação, interessa pontuar, feita por CNN, BBC, DW, Reuters, France Presse e congêneres

(Associated Press, ABC News, CBS News, NBC News, New York Times, Washington Post, entre demais).

A iniciativa é contra-ataque "à linguagem asséptica, favorável à Casa Branca, que visivelmente evita qualquer menção à violação arbitrária do direito internacional pelos EUA" (Johnson, 2026, p./única). No cerne em questão, notamos o uso de *bots* para a distribuição de materiais contra visões unilaterais, pró-Estados Unidos, que não questionam a invasão da Venezuela no início de 2026. A ação levanta tópicos sobre credibilidade e transparência na América Latina, além de responsabilidade e confiança no jornalismo como comunicação não sintética. "O que restou nos EUA foi uma grande mídia que, na prática, é estatal e está em sintonia com um governo hostil a qualquer imprensa combativa" (Ib., op. cit.).

A partir do descrito, analisamos neste tópico a esfera brasileira mediante correlações da produção de notícias pensando a própria comunicação na sociedade nacional e seus efeitos psicológicos e afetivos ao redor, assim como consequências contemporâneas da IA generativa. Desenvolvemos no que segue desdobramentos que incidem sobre a dinâmica de afetos na comunicação entre humanos e inteligência artificial. Partimos do sublinhado por Negri e Hardt (2014), que verificaram na última década figuras subjetivas de crises globais criadas a partir do triunfo do neoliberalismo no século XXI e suas transformações nos âmbitos econômico e social.

É notada, portanto, a gestão da vida cotidiana a partir de predicados que produzem novas subjetividades midiáticas. O estudo (Id., op. cit.) lembra que, tradicionalmente, a mídia era vista como repressora porque impedia o acesso a informações ou não as promovia suficientemente, barrando a expressão singular de sujeitos políticos. No agora, casos de silenciamento ou bloqueio (*shadow ban*) em mídias digitais como Facebook e Instagram pela Meta, em relação a perfis de espectro político de esquerda, como de Jones Manoel[3] e Thiago Torres, o "Chavoso da USP"[4], entre outros (Ramos, 2025a; Ramos, 2025b), são alertas para movimento que vislumbramos de forma acurada, o do excesso de informação e comunicação (Ortega, 2026).

É expressividade intensificada pela disseminação crescente de IAs. É tipo de sintoma que surge de uma liberdade sem responsabilidade com o que se dissemina, sendo notório porque mídias sociais provocaram algo análogo ao "paradoxo político realçado por Étienne de La Boétie e Baruch Espinosa: às vezes, as pessoas se empenham por sua servidão como se fosse a salvação" (Negri; Hardt, 2014, p. 28). É um canto de sereia *high tech*, que seduz usuários de modo irresistível para que se expressem entre postagens, vídeos, textos, testes animados, cursos etc. E essa alimentação é armazenada e utilizada por *big techs*, numa prática que pesquisadores brasileiros denominam de colonialismo de dados (Teixeira, 2025).

[3] In https://www.metropoles.com/brasil/influencer-de-esquerda-jones-manoel-recupera-redes-na-meta-e-celebra. Acessos em 22/02/2026.
[4] In https://noticiapreta.com.br/chavoso-da-usp-tem-conta-com-mais-de-1-milhao-de-seguidores-desativada-mais-uma-conta-excluida-do-nada/. Acesso em 22 fev. 2026.

Em termos atuais, as mídias aglutinam cada vez mais *bits* em megaempresas, treinando algoritmos e avançando seus desenvolvimentos. Mais do que quantidade, importa aqui a qualidade da informação e os modos de difusão. Isso mostra-se fundamental, visto que cada vez mais o mundo se interconecta por aplicativos e plataformas. Estes são sistemas de ocupação, prática, ato e produtividade, regidos por empresas digitais. São os populares *apps*, que dão impressão de liberdade, mas são em suma modelos *on line* de servidão, que incorrem em modernos tipos de precarização, a midiatizar cada vez mais corpos, mentes e afetos.

> [...] Parece mais apropriado considerar esses trabalhadores menos como sujeitos alienados e mais como sujeitos midiatizados. Enquanto a consciência do trabalhador alienado é separada ou dividida, a consciência do midiatizado é incluída ou absorvida na Internet. A consciência do midiatizado não é realmente dividida, mas fragmentada e dispersa. Ademais, a mídia não nos torna passivos. De fato, ela constantemente nos convoca a participar, a escolher o que gostamos, a contribuir com nossas opiniões, a narrar nossas vidas. A mídia é constantemente responsiva a nossas preferências pessoais, e, em troca, estamos constantemente atentos. Logo, o midiatizado é uma subjetividade que, paradoxalmente, não é nem ativa nem passiva, mas constantemente absorvida em atenção (Negri; Hardt, 2014, p. 29).

Acerca do destacado, as empresas We Are Social e Meltwater realizaram pesquisa no Brasil que originou o *Relatório digital 2025: global overview report*. O documento afirma que o uso constante de mídias sociais absorve nosso tempo. O fenômeno é denominado de *scrolling* e perfaz compartilhamentos de notícias, interações por texto e usos de aplicativos. Foi observado que brasileiros ficam no topo do ranking das nações que mais se mantêm na internet, com média de 3 horas e 32 minutos por dia. Dos usuários, 97,3% gastam tempo na web assistindo a vídeos curtos (*reels*), o que representa perto de 140,7 milhões de pessoas.

Somos o terceiro maior grupo de vendas de publicidade no mundo, com 56,4% de período/mês no Tik Tok e 23 horas e 08 minutos a cada 30 dias no Youtube (We Are Social; Meltwater, 2025). Portanto, podemos dizer que "o midiatizado está pleno de informação morta, sufocando nossos poderes de criar informação viva" (Negri; Hardt, 2014, p. 30). Isso porque a utilização da internet é atravessada pelo uso de robôs, o que torna usuários agentes de produção de conteúdo duvidoso por aplicativos de IA. Em igual sentido, somos receptores passivos ao consumirmos informações geradas por *bots* sem a devida checagem.

Assim, em um oceano de inutilidades, flutuamos em direção a lugar algum. Produzimos informações a partir de dados vazios e as comunicamos por compartilhamento, estabelecendo redes de contatos, ainda que dentro de um universo de nadificação de sentidos. "A internet e outros meios de comunicação são úteis, mas nada consegue substituir o estar junto a corpos e a comunicação corpórea, base da inteligência e da ação política" (Negri; Hardt, 2014, p. 32). A afirmação significa que a autoria deste *paper* assume mídias sociais como meios insuficientes para a ação política na contemporaneidade.

Contudo, ignorar hoje a força e a amplitude das redes é insensato, ainda que se conheça o empobrecimento intelectual a que ficamos submetidos por sistemas de midiatização. Além do mais, reunindo reflexões sobre produção de *posts*, publicidade e linguagem generativa via IAs, sublinhamos a importância do corpo coletivo da sociedade como ente fomentador de confiança.

Afeto fundamental à democracia e à produção do bem comum pela sociedade é a confiança em instituições democráticas, que cimenta relações de cidadãos entre si e medeia comunidades locais e sociedades globais, supondo por certo ser a sociedade ente capaz de deliberar e agir diante de necessidades internas e a partir de decisões equilibradas ao comum.

> [...] contra a confiança ingênua que os homens depositam naqueles que os governam e, finalmente, os domina, Spinoza propõe uma concepção nova, original, de uma confiança imanente com relação aos fundamentos mesmos da segurança do Estado; uma confiança política que se constrói e se perpetua sobre a base de instituições democráticas armadas de contra-poderes (Bove, 2014, p. 216).

Nesse instante, ao refletirmos sobre a ideia de confiança[5], trazemos novamente Espinosa (2008). O filósofo oferece dois afetos secundários para pensarmos o suposto, a segurança e o desespero. Ambos são oriundos da certeza e da confirmação de um bem ou um mal que acontecerá. Entretanto, segurança é momento específico no tempo em que um bem é confirmado; e desespero é a ausência desse momento. A confiança, então, é quando o sentimento de segurança se prolonga em diversas situações.

Se confiança, em termos gerais, é afeto político por excelência, pode haver tanto a confiança que se deposita em governantes quanto a confiança para a resolução de conflitos (Id., op. cit). O afeto, então, é denso e intrincado, pois a partir dele se permite consolidar a democracia e resguardar necessidades internas do corpo coletivo e da multidão. E não por acaso pode existir o efeito inverso, impulsionado pela inteligência artificial no presente.

Em território brasileiro, 51,6% das pessoas usam inteligência artificial no cotidiano do trabalho, 63% utilizam IA generativa no ambiente profissional e também para ajudar a escrever mensagens privadas. Já 49% dizem utilizar modelos de IA até mesmo para ações pessoais e de cunho particular, como terminar relacionamentos ou dialogar com ex-cônjuges (CanalTech, 2025). Ou seja, existe crise de confiança da sociedade em geral para tomadas de decisão, a sugerir que o debate sobre confiança está no centro do problema.

A crise projeta IAs e suas capacidades de máquina tal qual oráculos infalíveis, com capacidade de eliminar dúvidas de maneira objetiva. Sem emoções a perturbar escolhas racionais e alma a ser corrompida, a máquina seria, portanto, capaz de julgamento absoluto e avaliação justa. Com potencial de acesso à rede global de informações,

[5] O tema da confiança conectado como afeto da hilaritas (contentamento) na produção do bem comum e da multidão é complexo para ser exposto aqui e deslocaria a discussão proposta no presente. Pretendemos aqui apenas apontar para a instigante possibilidade de relacionar o tema da confiança em relação ao tema da IA.

IAs auxiliariam usuários cognitiva e emocionalmente, posto que, se relações sociais se estabelecem, entre outras coisas, pela comunicação, a produção de imagens, textos e sons via *apps* forja a confiança mediada por *bots* para realidades socialmente produzidas por humanos (Albuquerque; Ambrósio, 2025).

Mas até que ponto esse perspectivismo maquínico nos serve realmente? Para responder à pergunta, foi tomada ponderação a ser maturada, a de que, no espaço digital, agora inundado por conteúdo de IA, há enormes disputas por narrativa. Nas contentas, discursos de ódio se tornam cada vez mais uma arma fatal usada na guerra por audiência. O destaque, vale salientar, foi apontado em levantamento sobre *memes* e *fake news* no período eleitoral de 2018 no Brasil. Em *A banalidade do mal na atualidade: as redes sociais online como espaços de guerra* (Guisordi; Penachioni; Prada, 2016), conclui-se que a web é capaz de gerar iscas de raiva (*rage baites*) devido reproduções algorítmicas.

Nesse constructo intrincado de complexidades, Espinosa contribui para a verificação da subjetividade midiatizada a partir de interpretações de Negri e Hardt (Id., op. cit.), quanto acreditam ser a configuração produzida pelo capitalismo contemporâneo uma subjetividade fragmentada, vazia e pontuada por informações mortas. O filósofo holandês oferece meios para se descrever a dinâmica afetiva que sustenta e reproduz o sublinhado. Entre os principais afetos, Espinosa referencia medo e esperança. Diferente da alegria ou da tristeza, que experimentamos diante de algo concreto, medo e esperança referem-se a futuro cujo desfecho é ignorado. Somos, assim, lançados em estado de oscilação afetiva. Tememos que algo ruim aconteça e esperamos que algo bom se realize, mas permanecemos na incerteza.

Espinosa afirma que instituições religiosas e regimes autoritários sempre usaram afetos como mecanismos de controle. O medo do castigo e a esperança da salvação eterna, por exemplo, mantêm indivíduos em sujeição. E agora esse mecanismo se reproduz de igual monta em redes sociais. A difusão calculada de afetos inconstantes faz com que usuários estejam permanentemente envolvidos e online. Chauí (2011) classifica o cenário como um sistema medo-esperança, que enreda pessoas a depositarem desejo e confiança em regimes de heteronomia, isto é, de submissão a outrem. Atualmente, IAs e *chatbots* são cânones dessa submissão.

A inconstância entre medo e esperança, em suma, posiciona a todos diante do temor de um futuro inconcluso e na espera de salvação por promessas de IA. A subjetividade midiatizada não é, portanto, só efeito estrutural do capitalismo contemporâneo. Ela se sustenta por desinformação e contrainformação, a capturar a atenção de sociedades porque seu desejo oscila entre o temor do que pode perder e a expectativa do porvir inacabado. Na oscilação, a potência da ação coletiva, a capacidade de encontrar corpos em composições alegres e a disposição para a luta política são minadas, o que leva ao despedaçamento do imaginário coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após críticas referentes a informações imprecisas e midiatizações da vida, assim como a oráculos tecnológicos que usam a comunicação midiática para promover ambivalências no meio jornalístico e em ecossistemas informacionais, assumimos que IAs não se detêm por fronteiras físicas. O impacto de seus usos parece levar a uma intensificação, por um lado, de afetos alegres, diante do auxílio em determinadas tarefas mecânicas e repetitivas, mas também reproduz afetos tristes, posto que imperfeições e desconfianças surgem diante do publicado em mídias sociais (Albuquerque et al., 2024).

Se o encanto com a tecnologia supõe a possibilidade de resolução de problemas da humanidade, efeitos negativos desse caminho de ação já se observam, como na multiplicação global de conflitos armados, no aumento de ocupações precarizadas e na extinção de postos de trabalho, além da redução de vínculos sociais e da alta taxa de sintomas de solidão e fobias sociais (Kosmyna et al., 2025). Diante das notoriedades, parece não haver caminho convencional de convívio com algo desenvolvido pela própria sociedade e que está nos lançando a um abismo. Todavia, a proposta no artigo não foi rebaixar a importância das plataformas digitais e IAs, mas sim pensar necessidades do presente mediante criticidade, evidenciando manifestações que reforçam a urgência da regulamentação das tecnologias.

O desafio é verificar cenários constituídos entre promessas e incertezas (Jonas, 2006), a partir dos quais se deve optar pela ética no contexto dos avanços tecnológicos em função de um imaginário de dominação e substituição de humanidades por máquinas. Para se granjear com responsabilidade o funcionamento de IAs generativas em larga escala, seus usos e consequências no trabalho, na saúde mental e na política, buscando propostas coletivas de intervenção e regulamentação, algumas experiências no Brasil já estão em curso. Uma interessante para benefício da população é apresentada pelo núcleo de tecnologia do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST, 2026).

O MTST defende a soberania digital e popular. Para isso, desenvolve setor tecnológico dentro do movimento para disseminar a ideia de que o direito à moradia justa em territórios dignos está intrinsecamente conectado à emancipação pelo conhecimento. Esse saber, segundo o MTST, deve servir como ferramenta popular acessível e ser utilizado de forma crítica em favor da população. Uma das frentes para democratizar a proposta surgiu no núcleo de tecnologia OcupaLab, espaço criado em 2020, em Santo André/SP, para a ministração de cursos de letramento digital, informática, eletrônica, robótica e inteligência artificial, além de soluções tecnológicas para problemas do dia a dia.

No local, há impressora 3D e computadores com acesso a serviços importantes (MTST, 2026). A iniciativa do MTST aponta para dois pontos importantes. A perspectiva de inserir a pauta da alta tecnologia em ações e jurídicas referentes a direitos populares, entendendo-a como instrumental a favor da população e de suas necessidades. E o uso de tecnologias de forma crítica, aprofundada, em razão da libertação para

a soberania da segurança informacional de trabalhadores. São dois pontos conectados e indissociáveis.

Não se trata de introduzir tecnologias como meios de reprodução de relações sociais capitalistas, como muitas vezes acontece no jornalismo e neste artigo refletimos sobre isso, mas de organizá-las como instrumentos de transformação, a partir dos quais educação e conscientização estejam agregadas a lutas por direitos populares. Informação e tecnologia precisam, pois, caminhar em conjunto e a favor da emancipação da vida, com a finalidade última de preservá-la para podermos perseverar na própria existência, como sugere Espinosa e assim ponderamos neste artigo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, R.; AMBRÓSIO, M. **O inusitado mundo dos robôs:** fundamentos da comunicação sintética. 1. ed. Manaus/AM - Embu das Artes/SP: Edua - Alexa Cultural, 2025. v. 1. 120p.

ALBUQUERQUE, R.; VIVAR Y SOLER, R.; BUSARELLO, F.; GORDIANO, J. O bolsonarismo e a cólera nas redes sociais: reflexão e crítica sobre a comunicação de submundo. **Emancipação** (Online) (Ponta Grossa), v. 24, p. 002, 2024.

AGÊNCIA BRASIL. **Conteúdos falsos criados com IA mais que triplicam entre 2024 e 2025.** Publicado em 05/02/2026. 2026. In https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2026-02/conteudos-falsos-criados-com-ia-mais-que-triplicam-entre-2024-e-2025. Acesso em: 10 mar. 2026.

ALWATON, Y.; FITRIAWAN, R. A.; ISMAIL, O. A. Human-machine integration: current trend of AI and journalism in Asia. **Jurnal Riset Jurnalistik dan Media Digital (JRJMD),** v. 5, n. 2, p. 127-136, dez. 2025. DOI: https://doi.org/10.29313/jrjmd.v5i2.7791.

ANTUNES, R. **Inteligência artificial e generativa.** Instituto Humanitas Unisinos (IHU), [data desconhecida]. 2025. In Inteligência artificial (de)generativa. Artigo de Ricardo Antunes - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 01 mar. 2026.

BARRIE-ANTHONY, S. **I'm a Psychoanalyst. This Is What Technology Is Doing to Us**. The New York Times, EUA, nov. 2025. Opinion. In https://www.nytimes.com/2025/11/11/opinion/iphone-therapy-meditation-mindfulness.html. Acesso em: 06 mar. 2026.

BBC. **China lança âncora de TV feito por inteligência artificial:** você consegue notar a diferença? 2018. In https://www.bbc.com/portuguese/geral-46184470. Acesso em: 10 jan. 2026.

BEREZOSCHI, J. **Nuances ético-políticas dos memes de internet durante a pandemia da covid-19 (2020-2022):** uma análise centrada no riso e nos afetos. Doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica

de São Paulo, 2024. In https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/42888/4/Juliana%20Berezoschi.pdf. Acesso em: 20 mar. 2026.

BOVE, L. **Da confiança política:** construir a Hilaritas democrática. In: Espinosa e as Américas Vol 2. Rio de Janeiro/Fortaleza: Ed. UECE, 2014. p. 215-315.

CANALTECH. **Por que o brasileiro confia tanto na inteligência artificial?**. 2025. Disponível: https://canaltech.com.br/inteligencia-artificial/por-que-o-brasileiro-confia-tanto-na-inteligencia-artificial/. Acesso em: 24 fev. 2026.

CARTA CAPITAL. **Boom de IA é o maior delírio coletivo da história da humanidade.** Entrevista com Miguel Nicolelis. Youtube, 21/11/2025 (2025a). In https://www.youtube.com/watch?v=aqs1MOMzvhw. Acesso em: 24 fev. 2026.

CARTA CAPITAL. **Entrevista com avatar de IA de vítima de ataque a tiros provoca polêmica nos EUA.** (2025b). In https://www.cartacapital.com.br/tecnologia/entrevista-com-avatar-de-ia-de-vitima-de-ataque-a-tiros-provoca-polemica-nos-eua/. Acesso em: 09 jan. 2026.

CBN. **Jornal da Itália diz que é primeira publicação do mundo totalmente feita por IA.** 18 mar. 2025. In https://cbn.globo.com/tecnologia/noticia/2025/03/18/jornal-da-italia-diz-que-e-primeira-publicacao-do-mundo-totalmente-feita-por-ia.ghtml. Acesso em: 30 jul. 2025.

CHAUÍ, M. **Medo e esperança, guerra e paz.** In: CHAUÍ, Marilena. Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.173-191.

CNN BRASIL. **Índia cria apresentadores de notícias com IA e acende alerta nos profissionais da área.** 2023. In https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/india-cria-apresentadores-de-noticias-com-ia-e-acende-alerta-nos-profissionais-da-area/. Acesso em: 08 jan. 2026.

COCHRANE, P. **IA e desinformação:** por que as eleições de 2026 exigem atenção redobrada? Brasília: Senado Federal, 23 out. 2025. In https://www12.senado.leg.br/verifica/materias-especiais/2025/ia-e-desinformacao-por-que-as-eleicoes-2026-exigem-atencao-redobrada. Acesso em: 01 mar. 2026.

DW. **Chatbots de IA confundem fatos com opinião, revela estudo.** 8 jan. 2023. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/chatbots-de-ia-confundem-fatos-com-opini%C3%A3o-revela-estudo/a-74455677. Acesso em: 08 jan. 2026.

ÉPOCA NEGÓCIOS. **Jornal dos EUA publica lista de recomendação de leitura com livros 'inventados' por IA que não existem.** 2025. In https://epocanegocios.globo.com/inteligencia-artificial/noticia/2025/0recomendacao-de-leitura-com-livros-inventados-por-ia-que-nao-existem.ghtml. Acesso em: 05 jan. 2026.

ESPINOSA, B. **Tratado Político.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

ESPINOSA, B. **Ética.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

EXAME. **Jornalistas venezuelanos recorrem a avatares de IA para evitar repressão do governo Maduro.** 28 ago. 2024. In https://exame.com/inteligencia-artificial/jornalistas-venezuelanos-recorrem-a-avatares-de-ia-para-evitar-repressao-do-governo-maduro/. Acesso em: 06 jun. 2025.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Empresa de IA usaram cópias piratas de livros de Paulo Coelho, Clarice e Chico.** Folha de S. Paulo, São Paulo, ago. 2025. Tecnologia. In https://www1.folha.uol.com.br/tec/2025/08/empresas-de-ia-usaram-copias-piratas-de-livros-de-paulo-coelho-clarice-e-chico.shtml. Acesso em: 07 mar. 2026.

G1. **Relacionamentos com parceiros criados por IA já são realidade.** G1, Rio de Janeiro, 09 mar. 2025. Fantástico. In https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2025/03/09/relacionamentos-com-parceiros-criados-por-ia-ja-sao-realidade.ghtml. Acesso em: 06 mar. 2026.

GUISORDI, P. C; PENACHIONI, J.; PRADA, T. S. **A banalidade do mal na atualidade:** as redes sociais online como espaços de guerra. Aurora. Revista De Arte, Mídia E Política, 9(25), 2016. p. 76–96.

GIUFFRIDA, A. **Italian newspaper says it has published world's first AI-generated edition.** The Guardian. Terça-feira, 18 de março de 2025. In https://www-theguardian-com.translate.goog/technology/2025/mar/18/italian-newspaper-says-it-has-published-worlds-first-ai-generated-edition?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc. Acesso em: 10 mar. 2026.

HEGARTY, S. **Ela não esperava se apaixonar pelo ChatGPT** - e ter que dizer adeus. BBC News Brasil, Londres, 2026. In https://www.bbc.com/portuguese/articles/cgqg1q8evpno. Acesso em: 06 mar. 2026.

JOHNSON, A. **Trump invadiu a Venezuela** – mas a mídia chama de operação. Intercept Brasil. 6 de jan. de 2026. In https://www.intercept.com.br/2026/01/06/trump-venezuela-guerra-invasao-midia/. Acesso em: 08 jan. de 2026.

JONAS, H. **O princípio responsabilidade:** ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSMYNA, N. et al. **Your brain on chatGPT:** accumulation of cognitive debt when using an AI assistant for essay writing task. 2025. Disponível em: https://arxiv.org/abs/2506.08872. Acesso em: 06 mar. 2026.

LEE, K. F. **Inteligência artificial:** como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos relacionamos, trabalhamos e vivemos. Tradução de Marcelo Barbão. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MOROZOV, E. **A esquerda deve ser menos algorítmica, reinventar o seu pensamento e o socialismo.** IHU Online, 2024. Disponível em: https://ihu.unisinos.br/categorias/643886-a-esquerda-deve-ser-menos-algoritmica-reinventar-o-seu-pensamento-e-o-socialismo-entrevista-com-evgeny-morozov. Acesso em: 01 mar. 2026.

NEGRI, A; HARDT, M. **Declaração**: isto não é um manifesto. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

NEW YORK TIMES. **New York Times sues A.I. start-up Perplexity over use of copyrighted work.** 5 dez. 2025. Disponível em: https://www.nytimes.com/2025/12/05/technology/new-york-times-perplexity-ai-lawsuit.html. Acesso em: 22 dez. 2025.

MTST. Núcleo de Tecnologia. **Página inicial.** 2026. Disponível em: https://www.nucleodetecnologia.com.br/. Acesso em: 02 mar. 2026.

NUNES, H. **Do textão ao trending:** como a esquerda avança na disputa das redes. Fundação Perseu Abramo. 23/09/2025. In https://fpabramo.org.br/como-a-esquerda-avanca-na-disputa-das-redes/. Acesso em: 20 mar. de 2026.

ORTEGA, A. **Por que a esquerda deveria se preocupar mais com a inteligência artificial?** Praxis, 22 fev. 2026. Disponível em: https://praxis.org.pt/2026/02/22/por-que-a-esquerda-deveria-se-preocupar-mais-com-a-inteligencia-artificial/. Acesso em: 01 mar. 2026.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. **Oxford Word of the Year 2025.** Disponível em: https://corp.oup.com/word-of-the-year/. Acesso em: 05 jan. 2026.

POYNTER. **Here are the news outlets that got AI right in 2025 and the ones that got it very, very wrong. 2025.** Disponível em: https://www.poynter.org/commentary/2025/artificial-intelligence-wins-fails-newsrooms/. Acesso em: 07 jan. 2026.

PRESS GAZETTE. **Wired and Business Insider remove 'AI-written' freelance articles.** 2025. Disponível em: https://pressgazette.co.uk/publishers/digital-journalism/wired-and-business-insider-remove-ai-written-freelance-articles/. Acesso em: 05 jan. 2026.

PÚBLICO. **Modelos de IA distorcem conteúdo noticioso actual 45% das vezes, diz estudo.** 22 out. 2025. Disponível em: https://www.publico.pt/2025/10/22/tecnologia/noticia/modelos-ia-distorcem-conteudo-noticioso-actual-45-vezes-estudo-2151770. Acesso em: 09 jan. 2026.

RAMOS, C. **Influencer de esquerda Jones Manoel recupera redes na Meta e celebra.** Portal Metrópoles. Editoria de Política. 2025a. In

https://www.metropoles.com/brasil/influencer-de-esquerda-jones-manoel-recupera-redes-na-meta-e-celebra. Acesso em: 01 mar. 2026.

RAMOS, M. **Chavoso da USP tem conta com mais de 1 milhão de seguidores desativada: "mais uma conta excluída do nada".** Notícia Preta, [S. l.], 17 nov. 2025b. In https://noticiapreta.com.br/chavoso-da-usp-tem-conta-com-mais-de-1-milhao-de-seguidores-desativada-mais-uma-conta-excluida-do-nada. Acesso em: 01 mar. 2026.

REUTERS. **Business Insider cuts 21% of workforce, memo shows.** 29 maio 2025. In https://www.reuters.com/technology/business-insider-cuts-21-workforce-memo-shows-2025-05-29. Acesso em: 07 jan. 2026.

REUTERS INSTITUTE. **Generative AI and news report 2025:** how people think about AI's role in journalism and society. 2025. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/generative-ai-and-news-report-2025-how-people-think-about-ais-role-journalism-and-society. Acesso em: 28 dez. 2025.

SIMON, F.; NIELSEN, R. K.; FLETCHER, R. **AI and the future of news.** Generative AI and News Report 2025: How People Think About AI's Role in Journalism and Society. 2025. In https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2025-10/Gen_AI_and_News_Report_2025.pdf. Acesso em: 01 mar. de 2026.

TEIXEIRA, Y. **"Big techs" utilizam dados pessoais como método de colonização e manipulação digital.** Jornal da USP, São Paulo, 3 abr. 2025. Disponível em: https://jornal.usp.br/radio-usp/big-techs-utilizam-dados-pessoais-como-metodo-de-colonizacao-e-manipulacao-digital. Acesso em: 01 mar. 2026.

WE ARE SOCIAL; MELTWATER. **Digital 2025:** global overview report. [S.l.]: We Are Social, fevereiro 2025. In https://wearesocial.com/wp-content/uploads/2025/02/GDR-2025-v2.pdf. Acesso em: 01 mar. 2026.

Contato dos autores/as:

Autor: Thiago Prada
e-mail: entredeusesevermes@gmail.com

Autora: Juliana Berezoschi
e-mail: julibere@gmail.com

Autora: Milanna Ambrósio
e-mail: milannafla@gmail.com

Autor: Renan Albuquerque
e-mail: renanalbuquerque@hotmail.com

Manuscrito aprovado para publicação em: 08/05/2026.